

**INTERVENÇÃO PROFERIDA PELO PRESIDENTE DA
AIP, COMENDADOR JORGE ROCHA DE MATOS, POR
OCASIÃO DA CONFERÊNCIA “AUTO-ESTRADAS DO
MAR E DESENVOLVIMENTO PORTUÁRIO”**

Centro de Congressos de Lisboa, 18 de Abril 2007

Senhor Presidente da Confederação de Empresários de
Pontevedra

Senhores Empresários

Minhas Senhoras e meus Senhores

Antes de mais quero dar as boas vindas a todos os
participantes, e permitam-me que o faça com um ênfase
muito especial aos nossos amigos de Pontevedra que
acabam de fazer centenas de Kms para se encontrarem
hoje connosco, aqui em Lisboa.

Aceitem as boas-vindas da AIP e, estou certo, de todos os
participantes portugueses.

Em segundo lugar também quero saudar aqui o protocolo
que estabelecemos com a CEP há cerca de um ano, na
sequência do convénio de colaboração com a GEOE,
rubricado em 2003.

Por tudo isto, é com grande satisfação que participo nesta
conferência, cujo tema “Auto-estradas do mar e desenvolvimento
portuário” se reveste de grande interesse e oportunidade para o
futuro da economia portuguesa.

De facto, ao assumir as “auto-estradas do mar e o desenvolvimento portuário” como um vector estratégico da competitividade nacional, reforçando nomeadamente a sua dimensão atlântica, Portugal reencontra-se com a sua história e afirma-se na economia global.

Permitam-me a este propósito, que traga aqui à colação a Carta Magna da Competitividade, esse desafio estratégico que a AIP lançou publicamente em 2003, visando centrar a inovação e competitividade no centro das políticas públicas e das estratégias empresariais.

Nela se refere a propósito do desenvolvimento da visão estratégica que “O futuro de Portugal depende da capacidade de conjugar, a diversos níveis, os desafios e vantagens decorrentes da sua participação na UE com as oportunidades que podem resultar do desenvolvimento das suas relações extra comunitárias, em particular com os EUA e com os países da CPLP”.

Naturalmente que pode e deve crescer para este mercado em valor absoluto, mas o seu peso relativo deve diminuir mediante o crescimento e a diversificação para outros mercados, conjugando exportações e IDE, nomeadamente em relação aos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e Brasil), PALOP, MAGREB, Médio oriente, Japão e Sudoeste asiático, América Latina. Neste novo quadro a vertente euro-atlântica ganha uma importância redobrada. O facto das

exportações extra-UE estarem, desde já, a crescer a um ritmo elevado é um bom sintoma.

Para cumprir este desígnio, Portugal precisa de ter um sistema de transportes ao serviço do desenvolvimento económico e da competitividade, que assegure as condições de intermodalidade rodo-ferroviária, marítima e aérea de modo a potenciar a internacionalização da economia portuguesa.

A AIP sempre afirmou que os sistemas de transportes e, muito particularmente os que se referem ao sector marítimo-portuário, deveriam ser visto numa perspectiva de inteligência territorial, isto é da valorização competitiva do território, transformando Portugal numa grande plataforma logística, através de uma adequada articulação das interfaces de valor acrescentado entre as rotas intercontinentais atlânticas, a península ibérica e o resto da Europa.

Só por grande estultícia ou por falta de visão é que se poderia teimar em não querer ver que é no reforço da centralidade euro-atlântica que uma economia aberta como a portuguesa, com uma das maiores ZEE do mundo, se pode afirmar, ganhando poder funcional e competitividade. Nesta medida, será mais um contributo para que o território e a sua localização numa altura em que a UE se recentra a Leste, não seja mais entendido como um custo de contexto mas sim como um importante factor de competitividade.

Na perspectiva da competitividade é decisivo – tanto para Portugal como para Espanha - conseguir potenciar as capacidades portuárias instaladas e apostar estrategicamente na rota oceânica que integra os portos do arco atlântico, genericamente portos importadores.

Uma visão estratégica acertada e a emergência de várias plataformas logísticas irão exigir uma participação activa dos portos em tal movimento e terão como consequência uma crescente integração nas grandes correntes de tráfego.

Uma palavra muito especial para Sines que é o nosso porto de águas profundas que apresenta as melhores condições para se afirmar como uma referência nacional, ibérica, europeia e mundial, sobretudo para o segmento de carga contentorizada, isto é com um importante papel instrumental na alavancagem económica e, conseqüentemente, com um elevado potencial de projecção externa.

Resta-me assegurar que a AIP tudo fará para defender as virtualidades da perspectiva atlântica e para que as orientações estratégicas para o sector marítimo-portuário do governo privilegiem esta visão, que em nossa opinião é a que maiores benefícios assegurará ao permitir a construção de um grande interface de valor acrescentado entre as rotas intercontinentais atlânticas, a península ibérica e o resto da Europa.

Se tivermos a necessária determinação para passar da programação à acção, como espero, é Portugal que ganha com uma economia mais competitiva, conferindo-lhe um maior potencial de crescimento e, naturalmente, são os portugueses que poderão aspirar a ter melhores condições de vida.

Desejo-vos um dia de trabalho e de reflexão muito profícuos.

Jorge Rocha de Matos

2007-04-18